



## VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

### 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

---

ÁREA TEMÁTICA: Identidades, valores e modos de vida [AT]

---

#### **REDES DE DEPRESSÃO E *CUTTING* NO CENÁRIO JOVEM ALTERNATIVO: UMA CONTRIBUIÇÃO SOCIOLÓGICA ACERCA DA AUTOMUTILAÇÃO**

---

BRAGA CAVALCANTE, João Paulo

Doutorando em Sociologia

Universidade Federal do Ceará

[jpaulobc@gmail.com](mailto:jpaulobc@gmail.com)

---



#### Resumo

Esta pesquisa investiga a automutilação entre adolescentes conectados através da rede *online* Tumblr.com. Procura mostrar também a conexão estética entre os que praticam o *cutting* e as novas modas jovens *undergrounds*, muitas das quais se expandiram globalmente e se diversificaram, sobretudo a partir do crescimento das *mídias* e redes virtuais de computadores. Parte do campo empírico deste estudo, além da pesquisa etnográfica junto a adolescentes *undergrounds* em pontos de encontro na cidade de Fortaleza, Brasil, foi constituído pelo [tumblr.com/tagged/cortes](http://tumblr.com/tagged/cortes), o maior sistema ou “comunidade” *online* de jovens falantes de língua portuguesa que vivem o drama da automutilação. Trata-se de um misto de rede social e *microblog*, que permite compartilhar conteúdo entre os usuários e criar temas de interesse. Para tanto, foi utilizado métodos de análise de textos e de imagens, dados coletados a partir de *mídias* digitais e exame microscópico de dados. Entender as motivações do adolescente para uma atitude um tanto extrema implica uma pergunta básica para a análise: quem são aqueles que se cortam e em que contexto interpessoal e de sociabilidade se situam? A automutilação tem sido explorada em grande parte pela área médica e psicológica, e embora apontem para o crescimento perigoso deste fenômeno, a maior parte destes estudos são voltados para diagnóstico e tratamento, procurando sintomas internos ao indivíduo. Neste caso, esta investigação também procura aumentar o rol de estudos sociológicos acerca de um fenômeno que parece ter outros determinantes que não apenas psicológicos.

#### Abstract

This research investigates the self-mutilation among adolescents connected through the online network Tumblr.com. It also seeks to show the aesthetic connection between practicing cutting and new undergrounds young fashions, many of which have expanded globally and diversified, especially from the growth media and virtual networks of computers. Part of the empirical field study, and ethnographic research with adolescents undergrounds meeting points in the city of Fortaleza, Brazil, was established by [tumblr.com / tagged / cuts](http://tumblr.com/tagged/cuts), the largest system or 'community' online youth speakers of stock Portuguese living the drama of self-mutilation. It is a mix of social networking and microblogging, which lets you share content between users and creating topics of interest. For this, we used methods of analysis of texts and images, collected data from digital media and microscopic examination of data. Understanding the motivations of teenagers for a somewhat extreme attitude involves a basic question for analysis: who are those who cut and where sociability and interpersonal context lie? Self-mutilation has been explored largely by medical and psychological area, and although pointing to the dangerous growth of this phenomenon, most of these studies are focused on the diagnosis and treatment seeking internal to the individual symptoms. In this case, this research also seeks to increase the role of sociological studies about a phenomenon that seems to have other determinants than just psychological.

Palavras-chave: automutilação; juventude; redes sociais

Keywords: cutting; youth; social networks



## 1. Considerações gerais acerca da perspectiva de análise

Esta pesquisa investiga o comportamento autodestrutivo da automutilação (*cutting*) a partir do contexto das modas jovens alternativas, sobretudo aquelas ligadas ao gênero musical pós-*hardcore* punk. Parte-se de um cenário empírico marcado pelas *mídias* sociais baseadas na tecnologia da Internet, fortemente presentes na vida da juventude contemporânea.

Por comportamento autodestrutivo entendemos o ato de o indivíduo ferir-se a si próprio, sem, no entanto, pretender o suicídio (Laye-Gindhu & Schonert-Reichl, 2005; Horne & Csipke 2009). Os motivos que os indivíduos alegam para este tipo de atitude são variados, sendo alguns relacionados a fatores emocionais. Para Adler & Adler (2011), acerca dos contextos possíveis para a automutilação ocorrer, observam que:

over the course of self-injury's more public career there have been three social movements associated with it: the hardcore punks, the Goths, and the emo punks. These groups represent one strain of the self-injuring population: those who did it more openly, who were more driven by their connection to a music, style, or ideological movement, and who were more neutralized in their attitudes about it (p. 169).

Movimentos que criam seus estilos de vida alternativos vêm a ser receptores dos anseios da juventude não-convencional de nossos dias. Como um estilo de música, o *hardcore* é vasto e agrega muitas subculturas, sendo que entre as mais conhecidas estão a gótica e a *emo* (acrônimo de *emocore*, oriundo dos termos emoção – do inglês “*emotion*”, e *hardcore*, termo inglês para designar “música pesada”, variação extrema de um estilo). O gótico é originário do Reino Unido, entre o final da década de 1970 e início de 1980, e o *emocore*, uma vertente do *hardcore punk*, surgiu nos Estados Unidos, na cidade de Washington D.C., em meados de 1980, ambas em cenários ainda marginais ou *underground*, longe dos holofotes da *mídia*<sup>i</sup>.

É interessante notar que alguns estudos têm associado a subcultura gótica, mas também o gosto pela música heavy metal, a maiores riscos de suicídio (Lacourse *et al*, 2001; Young *et al*, 2006). Por sua vez, mais recentemente, a subcultura *emo*, além de relações com o suicídio, tem sido bastante associada à autolesão (Greenwald, 2003; Zdanow & Wriugh, 2013). Este tipo de estudo é, em grande parte, proveniente da área médica e psicológica. De um modo geral, os trabalhos sobre *cutting*, envolvendo ou não a população adolescente, visam o indivíduo isoladamente, numa perspectiva clínica (Hodson, 2004; Adler & Adler, 2007). Estas pesquisas que relacionam comportamento autodestrutivo e subculturas jovens passaram a dividir espaço com trabalhos que foram pioneiros em subculturas, tradicionalmente voltados para questões como valores, estilo ou sociabilidade (Bollon, 1993; Hebdige, 1995).

O fato é que, sob forte influência das redes sociais *online*, estas modas têm se tornado cada vez mais presentes na cultura de consumo jovem contemporânea (Monden, 2008). Migraram da cena regional de onde nasceram e espalharam-se pelo mundo na velocidade da Internet, como também se diversificaram em outros estilos, como, por exemplo, o *from UK*, o *scene kids*, o *gothic lolita* dentre outros. Tal fenômeno não é simplesmente uma consequência direta da tecnologia, devendo ser visto antes de tudo como parte dos anseios de uma geração. A este respeito, concordamos com Levine (2012), quando observa o seguinte:

So-called "extreme" forms of heavy metal, hip-hop, punk and hardcore music have long been popular, not merely in the West but globally - precisely because the anger, despair and intensity of the music reflects the tumult of emotions and uncertain identities that define adolescence and young adulthood in every culture (*On site*).

É justamente em torno destes tumultos e incertezas adolescentes que procuramos desenvolver uma abordagem sociológica. Neste intuito, foram coletados dados de fontes diversificadas: interação de co-presença e interações em rede social *online*. A primeira foi o contato direto entre pesquisador e adolescentes que se veem como *undergrounds*, quando em encontros informais em locais públicos. A segunda fonte foi a análise do conteúdo gerado em decorrência da interação *online* que ocorre entre os adolescentes na rede social Tumblr.com (<http://www.tumblr.com/tagged/corte>). Esta rede tem sido um dos recursos tecnológicos onde o tema da automutilação vem crescendo consideravelmente<sup>ii</sup>. Muito do que os jovens vivenciam e de como se sentem em relação aos outros e a si próprios, é por eles mesmos descrito e exposto em diários virtuais

compartilhados, os quais se tornam importantes fontes de dados para diversos tipos de pesquisas do campo da juventude.

É preciso compreender o fenômeno a partir de um contexto interativo, em “ambiente aberto” ou de sociabilidade. A medida que o problema se alastra para além de outras fronteiras de estudo – a maioria dos trabalhos são da área médica e da psicologia, em ambientes controlados ou pesquisas *survey* – trabalhos na área da sociologia do desvio se tornam imprescindíveis para lidar com os novos dilemas que afetam o mundo da juventude. Alfonso & Kaur (2012), em um estudo quantitativo sobre *cutting*, no contexto escolar, sustentam que:

self-injury, also known as self-mutilation, self-harm, and cutting, among other terms, has been referred to as the “fastest-growing adolescent behavioral problem” with average age of onset between 11 and 15 years of age. Already established as a risk behavior within clinical and educational settings, self-injury is rapidly becoming defined as a problem behavior by society at large (p. 537).

Em uma pesquisa sobre a incidência do *cutting* nas mídias sociais entre adolescentes, Whitlock et al (2006) apontam que “the increasing number of stories in the mainstream press and popular media, as well as the growing number of anecdotal reports by physicians, therapists, and school counselors, suggest that self-injury may be ‘the next teen disorder’” (p. 407).

Assim, uma vez a automutilação saindo dos consultórios e das estatísticas médicas, o objetivo também é contribuir preenchendo a lacuna que há em estudos sobre a automutilação dentro das ciências sociais. Assim como escolhemos o contexto da juventude, da mesma forma outro pesquisador por ventura poderia escolher um recorte sobre *cutting* na população de adultos, ou entre jovens que adotam estilos de vida positivamente sancionados pela sociedade.

Nas próximas sessões, apresentaremos uma análise do *cutting* a partir da rede social Tumblr.com e, como consequência disso, discutiremos também as formas de conexões entre o comportamento autodestrutivo (referências ao suicídio e à automutilação) e a estética ligada ao pós-hardcore punk, dimensões que se misturam, especialmente nas páginas do Tumblr.

Embora se aborde em grande parte um ambiente *online*, a discussão a seguir é parte dos resultados de extenso trabalho empírico de tese de doutorado, realizado na cidade de Fortaleza, Brasil, entre os anos de 2011 e início de 2013, junto a adolescentes que aderem a estilos de vida considerados não-conformistas<sup>iii</sup>.

## **2. O universo do corte no contexto das interações em redes de computadores**

A partir da observação e da coleta de dados do tumblr.com/tagged/cortes<sup>iv</sup>, tais como imagens, textos, sons, percebe-se que os usuários alegam determinados problemas e circunstâncias de vida que não são muito diferentes daqueles relatos citados por pesquisadores em seus estudos qualitativos (Chandler, 2012; Adler & Adler, 2007). O universo de dados que compõe a rede *online* dos cortes é absolutamente um mundo feito por e para adolescentes. A partir de modernos recursos de interatividade e de personalização da interface, o Tumblr é baseado na construção mútua da informação e no compartilhamento dos *blogs* ou diários. Sendo assim, o Tumblr dos cortes é permeado em grande parte por imagens degradantes de pessoas cortadas, imagens que retratam o suicídio, relatos que tratam de problemas interpessoais, amor, angústia, solidão, como também músicas do rock alternativo e imagens de seus ícones (ver Imagem 1).

Uma das propostas mais promissoras de analisar fenômenos psicológicos é abordá-los a partir de contextos interpessoais e socioculturais. Uma perspectiva sociológica também tem sido fundamental para alguns ramos menos ortodoxos dos estudos do transtorno de personalidade *borderline* (TPB), um distúrbio que vem crescendo nas últimas décadas, e que geralmente apresenta casos de automutilação. Em um trabalho que procura contextualizar a emergência do termo *borderline*, de Sousa & Vandenberghe (2005), concluem que “uma análise do TPB em termos dos contextos interpessoais e socioculturais o torna possível entendê-lo em termos comportamentalistas. Tal redefinição do transtorno de personalidade em termos da interação entre o indivíduo e seu ambiente social, torna possível seu tratamento pela Terapia Comportamental” (p. 389). Como material de pesquisa, do ponto de vista da Sociologia, tanto os relatos em clínicas, casos individuais, como o

comportamento de grupo e os relatos em redes *online* são importantes para os estudos da cultura contemporânea e da juventude em particular.

Colocando a questão sob o prisma da interação social (Becker, 2009), tanto no mundo *online* como fora dele, muitos casos podem ser caracterizados como sendo um estado de relativo isolamento afetivo. Os indivíduos que praticam a automutilação, como demonstração de depressão e revolta, podem até manter um grau razoável de sociabilidade.

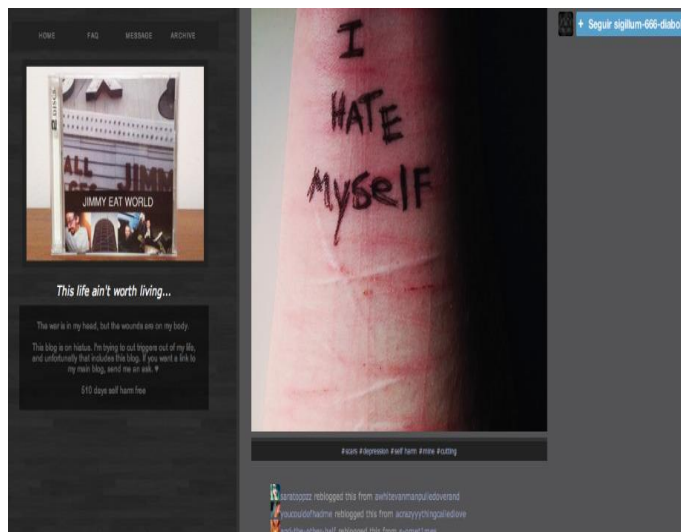


Imagem 1 - Exemplo retirado a partir do *print* da tela da interface do [tumblr.com/tagged/cortes](https://www.tumblr.com/tagged/cortes).

Mas quem se corta lida com algum tipo de dor, e nas redes sociais o indivíduo pode manifestá-la evitando punições e constrangimentos. Uma privação afetiva está relacionada à pobreza de autenticidade e segurança primária que o sujeito recebe daqueles indivíduos que são responsáveis pelo seu cuidado e proteção. Para Winnicott (2005),

na raiz da tendência anti-social existe sempre uma privação. Pode ser simplesmente que a mãe, num momento crítico, encontrava-se num estado de depressão, ou talvez a família tenha se dissolvido (...). Por trás da tendência anti-social há sempre uma história de alguma saúde e, depois, uma interrupção, após o que as coisas nunca mais voltaram a ser as mesmas (p. 173-174).

Isso pode ser entendido melhor a partir de algumas informações originárias do relato de um jovem que conhecemos durante a pesquisa de campo. Com 20 anos de idade, o rapaz, homossexual assumido, era usuário de maconha, frequentava os lugares de encontro da “galera *underground*” de Fortaleza, e passou por sérios problemas com automutilação, chegando a se tornar em um verdadeiro vício. De acordo com seus relatos, ele não tinha mais qualquer contato com o pai. Este o havia rejeitado já há alguns anos, quando ainda adolescente, pelo fato de ter descoberto que o filho era *gay*. Morava apenas com a mãe, com a qual tinha uma relação extremamente difícil, pois ela não tolerava a opção sexual do filho, o que resultava em agressões físicas e psicológicas, sobretudo por não haver diálogo ou demonstração de afeto dela para com o filho. Em meio ao depoimento deste sujeito, uma frase chama atenção, diante do problema tratado neste trabalho: “Ninguém em casa para conversar. Se não fosse a Internet, era muito foda!”. Este fragmento não remete apenas ao uso da Internet como meio de distração entre adolescentes e jovens. Este relato faz refletir sobre uma condição fundamental do sujeito social, que é a necessidade da interação. Se um ambiente emocionalmente satisfatório é negado ao sujeito – que para Winnicott (2011) a família vem a ser o núcleo mais importante – este certamente encontrará ainda mais dificuldades durante seu percurso num caminho que já é marcado por incertezas e ansiedade, como é a adolescência:

muitas das dificuldades por que passam os adolescentes, e que muitas vezes requerem a intervenção de um profissional, derivam das más condições ambientais; este fato apenas serve para enfatizar a vital importância do ambiente e da família para aquela imensa maioria de adolescentes que de fato chega à maturidade adulta (p. 117).

Frente às dificuldades, especialmente da ordem dos relacionamentos, os jovens encontram mecanismos para construir seus mundos, com seus códigos e barreiras não-conformistas. Daí a Internet ocupar um lugar central na vida de adolescentes que sentem sofrer de solidão ou por algum motivo relacionado a problemas de aceitação, se isolam. As redes sociais *online* têm-se tornado uma fonte alternativa de interação para quem se encontra em condições de conflito interpessoal e vazio afetivo.

Nesta conjuntura, redes sociais como o [Tumblr.com/tagged/cortes](http://Tumblr.com/tagged/cortes) vêm a ocupar um lugar especial na pesquisa científica dos fenômenos da cultura e do comportamento jovens. Possibilita ao estudioso o acesso a experiências em torno dos quais há maiores dificuldades quando o assunto é automutilação, por se tratar de uma atitude quase sempre posta em segredo, já que gera para o indivíduo a estigmatização. Deste modo, a interação *online*, ou simplesmente depoimentos publicados em páginas pessoais, ao expor seus participantes, acaba disponibilizando relatos, opiniões ou estados emocionais de difícil acesso, tendo seu valor para os que lidam clinicamente com o problema e para os estudos da cultura adolescente.

Because self-injury is typically a private, secretive behavior, the Internet provides a unique opportunity to study exchange between members of a group rarely assembled outside of a clinical setting. As such, it may provide a valuable for means of accessing information and perspectives useful in clinical settings (Whitlock, 2006, p. 416).

Os *blogs* e seus compartilhamentos, que são tanto uma forma de ajuda (palavras de incentivo à vida por parte de outros usuários) e de auto-ajuda (manter uma espécie de diário é manter uma determinada condição de auto-reflexividade), criam um espaço não-institucional, livre de protocolos farmacológicas e de constrangimento por parte daqueles que não conhecem ou ignoram o problema, ou seja, o *outsider* da cultura do *cutting*. Aqueles que se encontram do lado de fora do mundo de aflições do adolescente compõem o ambiente externo ameaçador, visto como perpetrador de *bullying*, o local da indiferença e de outras formas mais veladas de agressão. Vejamos, por exemplo, o seguinte fragmento de texto, feito por uma garota de 13 anos, com o nickname (apelido) *menininha-com-cortes*, em sua página no [Tumblr.com](http://Tumblr.com):

Aqui estou só para expressar meus sentimentos, fiz do meu tumblr um diário, um rascunho do que se passa na minha vida e na minha mente. O mundo lá fora e as pessoas já me julgam e me machucam de mais, não façam o mesmo aqui no meu único refúgio, da minha dor e solidão... (Fonte: <http://menininha-com-cortes.tumblr.com/page/2>, acesso em 18 janeiro, 2014).

Depreende-se desta passagem que a dinâmica da interação dos indivíduos nessas redes gira em torno do interesse particular pela automutilação, onde há a possibilidade de lidar de um modo mais confortável – e menos normativo – com seu mundo emocionalmente conturbado, uma vez que a prática de cortes pode ser vista tanto como um capricho adolescente, desvio de comportamento ou mesmo como um distúrbio psicológico grave.

As redes acabam possibilitando um espaço onde o discurso sobre a própria experiência de vida e as ações que são tomadas pelo sujeito são compartilhados entre os pares. A rede entra no processo de desenvolvimento do adolescente como um recurso de comunicação, de interação ou até mesmo afetivo, nos casos em que há um grau maior de proximidade ente dois ou mais sujeitos. É o que Castells (2003) chama de “comunidades especializadas”:

formas de sociabilidade construídas em torno de interesses específicos. Como as pessoas podem facilmente pertencer a várias dessas redes, os indivíduos tendem a desenvolver seus “portfólios de sociabilidade”, investindo diferencialmente, em diferentes momentos, em várias redes com barreiras de ingresso e custos de oportunidade baixos (p. 110).



Do ponto de vista do problema empírico a que estamos tratando, a comunidade especializada em questão vem a ser uma “comunidade do corte”. Mas o corte possui uma conexão com o esvaziamento afetivo, que é sintoma de pobreza das relações sociais que formam o ambiente externo, o que provavelmente seja uma das razões de o indivíduo que pratica a auto-lesão desejar lidar com a dor física, ao invés de ter que encarar a dor emocional (Christenson, Bolt, 2011; Hodgson, 2004). Exatamente por isso que a automutilação é encarada aqui como um problema da ordem da interação, e não tanto como distúrbio psicológico. Neste caso, o crescimento destas comunidades, a exemplo do que vem ocorrendo com o Tumblr, pode vir a se encaixar no panorama de isolamento emocional e de individualização exacerbada que alguns pensadores atribuem às sociedades materiais contemporâneas, como, por exemplo, nos trabalhos de Lasch (1990), Giddens (2002), Bauman (2004) e Lipovetsky (2007). Para Giddens:

a falta de sentido pessoal – a sensação de que a vida não tem nada a oferecer – torna-se um problema psíquico fundamental na modernidade tardia. Devemos entender esse fenômeno em termos de uma repressão de questões morais que a vida cotidiana coloca, mas às quais nega respostas. “Isolamento existencial” não é tanto uma separação do indivíduo dos outros, mas uma separação dos recursos morais necessários para viver uma existência plena e satisfatória (2002, p. 16).

Trazendo tal discussão para o contexto empírico em análise, podemos sustentar que a vivência *online* do mundo da automutilação coloca um paradoxo: ao mesmo tempo em que os indivíduos estão extremamente envolvidos a partir de recursos altamente interativos do ambiente *online*, eles também se queixam constantemente de estarem sofrendo em decorrência de solidão ou vazio. A limitação da interação *online* de jovens em torno da automutilação e da depressão refere-se, portanto, à dimensão moral inerente às relações humanas. A dificuldade de “viver uma existência plena e satisfatória” conduz a uma imersão maior no mundo *online* do corte/depressão/suicídio, o que pode resultar em uma outra camada de isolamento, pois estas redes acabam se tornando bastante exclusivas. Essa excessiva individualização diz respeito ao fato de a “comunidade do corte” ser, de certa forma, um reflexo do próprio estado de ânimo do indivíduo, uma dedicação ou uma “segunda vida” em torno do próprio *self* atribulado. Isso não invalida, contudo, as investidas no sentido de esperança e apoio, que outros usuários publicam na rede. Cria-se um lugar seguro, ao passo que a sociedade é personificada como uma espécie de rival – “o mundo lá fora”. Para tentar explicar o que acabamos de expor, observe-se, por exemplo, o seguinte trecho extraído de uma usuária do Tumblr que tem como *nickname* *Cortes-que-salvam*:

Meus cortes, minhas cicatrizes, minhas escolhas, as vezes eu não sei por que faço isso, só sei que foi assim que eu aprendi a lidar com a minha dor, sozinha. E se você acha que eu sou só mais uma garota idiota que se corta para chamar atenção, tenho uma solução para você, saia do meu tumblr, obrigada pela (in)compreensão (Fonte <http://cortes-que-salvam.tumblr.com/>, acesso em 24 junho, 2014).

A ideia de que os cortes são uma saída viável diante de um mundo opressor ou excessivamente incompreensível é bastante comum na rede Tumblr/cortes. É exatamente por isso que, do ponto de vista sociológico, a forte integração entre os indivíduos via redes *online* interativas – o fenômeno do crescente número de usuários do Tumblr que estão propagando automutilação, depressão e suicídio – pode ser indicativo de pobreza moral, em um sentido durkheimiano. Em sua obra *O Suicídio*, Durkheim já falava em “correntes de depressão e de desencanto que não emanam de nenhum indivíduo em particular, mas que exprimem o estado de desagregação em que se encontra a sociedade. Elas traduzem o afrouxamento dos vínculos sociais, uma espécie de astenia coletiva, de mal estar social (...) (2000, p. 265)”.

Para esclarecer isso, por exemplo, uma imagem de um braço cortado, onde se ler “I hate myself” (Eu me odeio) chega a ser “reblogada” (o usuário republica a informação de outro blog no seu próprio tumblr) mais de quinhentas vezes. Os usuários que republicam a imagem com a frase possuem *nicknames* como *cortefundos*, *mundo-obsuro*, *minha-querida-lamina*, *uma-navalha-em-meu-pulso*, *mente-suicida* dentre vários outros<sup>v</sup>.

Neste aspecto em particular, apesar de as redes poderem atuar como alternativa salvadora de interação, dedicar horas a fio na frente de um computador, redefinindo, atualizando e expondo sentimentos pode não ser muito diferente do isolamento afetivo que muitas vezes o indivíduo *cutter* vivencia. A este respeito, a

seguinte passagem de Durkheim (2000) é oportuna para se pensar a febre do corte num mundo marcado pelo virtual: “Por mais individualizado que seja cada indivíduo, há sempre algo que continua sendo coletivo: a depressão e a melancolia resultantes dessa individuação exagerada. Comungamos na tristeza quando não temos mais nada para viver em comum (p. 266)”.

### 3. A conexão entre o *cutting* e as subculturas do pós-hardcore punk

O *cutting* tem sido aqui investigado em meio à dinâmica social fora dos ambientes controlados de pesquisa. Isso significa trabalhar em um contexto mais amplo de sociabilidade, no caso em questão, as subculturas jovens ligadas ao pós-*hardcore* punk. Como tem sido colocado aqui, é preciso ter cautela ao analisar as conexões entre comportamentos autodestrutivos, como é a automutilação, o suicídio e abuso de drogas, como algo inerente ou estimulado no âmbito de grupos que cultuam gêneros musicais “pesados”. Tais comportamentos podem ter origem em falhas no ambiente externo, que envolve os processos de desenvolvimento adolescente (Winnicott, 2005).

Sobretudo nas sociedades modernas, esses processos sempre foram marcados por conflitos e mudanças que afetam profundamente o indivíduo, o que se tem intensificado especialmente a partir dos anos de 1960. Já nesta época, a este respeito, Winnicott (2011) afirma:

Muitos estudos dessa fase do desenvolvimento estão sendo feitos, e vem surgindo toda uma nova literatura ligada à questão, incluindo romances que tratam das vidas de meninos e meninas adolescentes e autobiografias escritas pelos próprios jovens. É-nos permitido supor a existência de uma conexão entre esse desenvolvimento de nossa consciência social e as condições sociais específicas da época em que vivemos (p. 115).

Considerando tal conexão a que o autor se refere, é preciso partir do pressuposto de que não é a música *hardcore* em si mesma que conduz ou estimula o indivíduo a adotar práticas que aqui chamamos de autodestrutivas. A música – o vocal gutural<sup>vi</sup>, a guitarra estridente e as letras “down” ou melancólicas – é antes um dos instrumentos que o indivíduo lança mão para expressar e extravasar determinados tipos de angústia e de estados emocionais, os mesmos podendo ser uma atitude reativa ao contexto de vida. Pensando na dinâmica dos grupos, nas palavras de Ferreira (2000), é possível assegurar que:

o início e o desenvolvimento da identidade e das manifestações não conformistas têm como base o contexto do grupo. A acção não conformista, como qualquer outro tipo de acção social, assenta em definições e orientações adquiridas e assimiladas em contacto íntimo e intenso com os outros, que, em virtude desses contactos, passam a assumir enorme importância e significado, tornando-se referências fundamentais na estruturação do *self*. É por isso que no grupo se consubstancia a ruptura com a conformidade e se desenvolvem as aprendizagens e as motivações favoráveis ao desvio (p. 59-60).

A automutilação a partir do contexto de culturas jovens urbanas é ambígua no sentido de que muitas vezes o indivíduo está apenas forjando uma prática para ser aceito ou ganhar admiração diante do grupo.

Mas, em outro aspecto, indivíduos ligados a modas jovens, como a emo, por ventura podem ter uma sensibilidade maior diante de materiais públicos acerca da automutilação, sendo esta outra forma de encontrar confissões adolescentes em torno do *cutting*. Observe-se, por exemplo, um dos muitos comentários sobre vídeos autobiográficos de jovens viciados em automutilação:

I actually started to cry while watching this. I've been **addicted** [Grifo nosso] to self harm for two years and I've never understood that the scars acutally will stay on my body forever. the day I get married, they will be there. my kids will ask why I've got so many scars. it's scary that I'm addicted to such a terrible thing, but I've never really looked at it this way. of course it has run through my mind but never this clear. I'm scared and I hate that I have to fight, because I want to give up everyday<sup>vii</sup>(Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=KOVvRs40RwI> , acesso em 05 novembro, 2012).

O presente depoimento pertence à adolescente Mathilda Fredlund, que, a partir da observação do conteúdo de seu perfil público na rede social Facebook<sup>viii</sup>, possui um gosto musical voltado para o *emocore*, mais especificamente, para uma vertente deste subgênero conhecido como *screamo*. Isso também é observado a

partir de seu perfil na rede youtube.com<sup>ix</sup>. Estes subgêneros de rock, que em conjunto fazem parte do pós-*hardcore* punk, parecem não exatamente influenciar ou atrair adolescentes para o submundo da automutilação. A música alternativa em menção é um porta-voz de estados emocionais e de gostos estéticos que se propagam entre a juventude. Pela mesma razão, muito da estética propagada nas páginas de cortes do Tumblr podem estar fazendo referências diretas ou sutis às subculturas pós-punk, inclusive com músicas inseridas nos blogs, uma forma de expressar o tumulto emocional a que nos referimos no começo do presente trabalho.

Ainda na rede Tumblr, a estética emo pode ser associada ao mundo do corte de uma maneira mais problemática. O sentido voltado para criar um diário pessoal, para o compartilhamento de experiências e possibilidade da prática da autoajuda fica mais distante quando muitas mensagens parecem enaltecer o corte, dando-lhe um tom romântico ou transmitindo a mensagem de que cortes são *cool*, sugerindo uma imersão mais contundente na direção de uma subcultura do corte (ver Imagem 2).



Imagem 2 - Imagem extraída do [tumblr.com/tagged/cortes](https://www.tumblr.com/tagged/cortes). Como muitas outras, a ideia transmitida é uma certa *glamorização* da automutilação, como algo *cool*, além do estilo *emo*. As marcações no canto inferior esquerdo da imagem são “love; cut (corte); casal.

Os precursores do rock emotivo estavam transformando em estética uma resposta a um contexto social. Contudo, é importante ressaltar que se trata da exacerbação de uma condição ou estratégia de vida muito mais do que uma filiação a uma subcultura, visto que nem sempre quem vivencia tanto o *emo* ou *screamo* são de fato pertencentes a essa ou àquela subcultura. A estratégia precursora trouxe o introspectivo para dentro do punk, entre 1986 e 1987, recebendo o nome de *emotion*, *emocore*. a subcultura emo dos anos 2000. Observe o trecho da canção Give me back, da banda precursora do *emocore* Embrace: “I’m pissed at my anger / But if he don’t want to fight / I turn to my conscience / But he just thinks I’m right / My insecurities / They got nothing to hide / My emotions are my enemies / For being on my side / Give me back my feelings<sup>x</sup>.”

Observa-se a forte ênfase na busca do interior, o psicologismo, uma preocupação exacerbada com os sentimentos. Isso tem sido referido como um movimento *punk* dentro do próprio punk, de modo a subdividi-lo e renová-lo através de uma outra proposta, que é o suprimento de uma demanda social, mesmo que ainda em estágio embrionário (O'Connor, 2002). Indo mais além, foi a partir do movimento *emo* que o suicídio adolescente e a automutilação vieram a tona na grande *mídia* nos anos 2000, após casos como o da garota britânica Hannah Bond, fã da banda *emo* My Chemical Romance, encontrada morta em seu quarto:

Despite the commercial success of the music, the general public was distrustful of emo music, but somewhat tolerant. Perceptions changed dramatically in 2008 when a 13 year-old girl named Hannah

Bond committed suicide after becoming a fan of the My Chemical Romance. Shortly before Hannah committed suicide she had shown her father cuts on her wrists and explained that were part of her “emo initiation” (Christenson, Bolt, 2011, p. 73).

Ao contrário do pânico moral que muitas vezes acaba sendo difundido pela *mídia* acerca das modas adolescentes, a visão em torno do contexto, como uma das formas de investigar o comportamento e suas motivações pode facilitar também um melhor entendimento das características dos canais estéticos, seja música ou estilo de vestimenta. Neste caso, o *hardcore* emotivo – que não cria por si mesmo as condições do corte e da depressão – foi muito bem assimilado por aqueles segmentos *undergrounds* que lidam cotidianamente com ansiedade, solidão e toda uma gama de conflitos da ordem do mundo jovem.

#### 4. Considerações finais

Acreditamos que o conhecimento das estratégias dos sujeitos para lidar com os problemas de ordem moral, observando o comportamento autodestrutivo em contextos mais abrangentes, pode auxiliar adolescentes e jovens que se encontram em dificuldades. É preciso aprofundar o estudo do contexto e das interações sociais que marcam a vida de quem está envolvido com a automutilação. Ao passo que já dispomos de vários estudos em contextos clínicos, as pesquisas em sociologia podem preencher uma lacuna sobre a ocorrência deste fenômeno em outras esferas, como as modas jovens e suas redes sociais *online*.

Em suma, quanto mais pessoas sentem que estão sozinhas, mais cresce a demanda pelo tema cortes dentro do Tumblr, o que faz com que a rede venha a crescer, e não necessariamente a integração social em si. Redes sociais *online* de depressão, automutilação e suicídio adolescentes são indicadores empíricos importantes acerca da dificuldade de desenvolvimento psicológico e social nas condições atuais das sociedades modernas.

#### Referências bibliográficas

- Adler, P. A., & Adler, P. (2007). The demedicalization of self-injury from psychopathology to sociological deviance. *Journal of Contemporary Ethnography*, 36(5), 537-570.
- Alfonso, M. L., & Kaur, R. (2012). Self- Injury Among Early Adolescents: Identifying Segments Protected and at Risk. *Journal of school health*, 82(12), 537-547.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Becker, H. S. (2009). *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bollon, P. (1993). *A moral da máscara: merveilleux, zazous, dândis, punks, etc.* Rio de Janeiro: Rocco.
- Castells, M. (2003). *A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios ea sociedade*. Zahar.
- Cavalcante, J. P. B., & P. F. C. (2013). Subcultura, juventude e autolesão: uma contribuição sociológica acerca do comportamento autodestrutivo. *Acta Científica XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología*. Recuperado em 02 abril, 2014, de [http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT26/GT26\\_BragaCavalcante\\_CapeloCavalcante.pdf](http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT26/GT26_BragaCavalcante_CapeloCavalcante.pdf).
- Christenson, Jacob D. Bolt, Kirsten. (2011). Self-Injurious Behavior: Who’s Doing It, What’s Behind it, and How to Treat It. *Journal Therapeutic Schools and Programs*. Aspen Achievement Academy, Loa, Utah, 71-87.
- de Sousa, A. C. A., & Vandenberghe, L. (2005). A emergência do transtorno de personalidade borderline: uma visão comportamental. *Interação em Psicologia*, 9(2).
- Durkheim, É. (2000). *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferreira, P. M. (2000). Controlo e identidade: a não conformidade durante a adolescência. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (33), 55-85.
- Hebdige, D. (1995). *Subculture: The meaning of style*. London and New York: Taylor & Francis e-Library.

- Hodgson, S. (2004). Cutting through the Silence: A Sociological Construction of Self- Injury. *Sociological Inquiry*, 74(2), 162-179.
- Hodkinson, Paul. (2002). *Goth: Identity, Style and Subculture*. New York and Oxford: Berg.
- Horne, O., & Csipke, E. (2009). From feeling too little and too much, to feeling more and less? A nonparadoxical theory of the functions of self-harm. *Qualitative health research*, 19(5), 655-667.
- Kelley, T., & Simon, S. (2007). *Everybody hurts: an essential guide to emo culture*. New York: HarperCollins Publishers Inc.
- Lacourse, E., Claes, M., & Villeneuve, M. (2001). Heavy metal music and adolescent suicidal risk. *Journal of Youth and Adolescence*, 30(3), 321-332.
- Lasch, C. (1990). *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense.
- Laye-Gindhu, A., & Schonert-Reichl, K. A. (2005). Nonsuicidal self-harm among community adolescents: Understanding the “whats” and “whys” of self-harm. *Journal of Youth and Adolescence*, 34(5), 447-457.
- Levine, Mark. (2012, Março). Killing emos, and the future, in Iraq. *Aljazeera*. Recuperado em 15 janeiro, 2013, de <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2012/03/201231911938716976.html>.
- Lipovetsky, G. (2007). *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Monden, M. (2008). Transcultural Flow of Demure Aesthetics: Examining Cultural Globalisation through Gothic & Lolita Fashion. *New Voices*, 2, 21-40.
- O'Connor, A. (2002). Local scenes and dangerous crossroads: punk and theories of cultural hybridity. *Popular Music*, 21(02), 225-236.
- Whitlock, J. L., Powers, J. L., & Eckenrode, J. (2006). The virtual cutting edge: the internet and adolescent self-injury. *Developmental psychology*, 42(3), 407.
- Winnicott, D. W. (2005). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (2011). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.
- Young, R., Sweeting, H., & West, P. (2006). Prevalence of deliberate self harm and attempted suicide within contemporary Goth youth subculture: longitudinal cohort study. *bmj*, 332(7549), 1058-1061.
- Zdanow, C., & Wright, B. (2013). The Representation of Self Injury and Suicide on Emo Social Networking Groups. *African Sociological Review/Revue Africaine de Sociologie*, 16(2), 81-101.

<sup>i</sup> Para uma leitura mais detalhada além dos propósitos deste artigo, ver, por exemplo, Hodkinson (2002), Kelley, Simon (2007).

<sup>ii</sup> O Tumblr.com, uma febre recente entre jovens com menos de 25 anos, não é uma rede exclusiva para *cutters*. Há uma infinidade de temas, tais como casamento, amor, política, esportes etc. Como uma rede de *blogs*, mas que vai além do blog por suas possibilidades de interação (diálogos, “favoritar” um usuário e seguir outro blog), o usuário cria sua própria página de conteúdo. A partir de *tags*, algo como palavras-chaves ou marcadores, o blog etiquetado com tags como cortes, automutilação, depressão pode ser encontrado e seguido por outro usuário que tem interesse no tema. Para conhecer mais um pouco sobre o Tumblr, ver: [www.tumblr.com](http://www.tumblr.com); [pt.wikipedia.org/wiki/Tumblr](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tumblr); <http://gadgetwise.blogs.nytimes.com/2009/03/13/tumblr-makes-blogging-blissfully-easy/>; [tumblr.com/tagged/corte](http://tumblr.com/tagged/corte); [tumblr.com/tagged/cut](http://tumblr.com/tagged/cut), recuperados em 15 setembro, 2012.

<sup>iii</sup> Outros aspectos importantes não abordados, ou parcialmente referidos neste texto, podem ser vistos mais detalhadamente em Cavalcante & Cavalcante (2013), o qual trata a autolesão “a partir de contextos práticos de experiências de vida”, em situações de co-presença (p. 5).

<sup>iv</sup> O fenômeno da automutilação adolescente, é importante pontuar, tem afetado diversas sociedades, especialmente nos países anglo-saxões. Na tese de doutorado que inspirou este artigo, o material analisado nas redes sociais como o Tumblr e o Facebook foi em sua maioria obtido entre os falantes de língua portuguesa.

<sup>v</sup> Fonte: <http://sigillum-666-diaboli.tumblr.com/post/34310485511>, acesso em 20 fevereiro, 2014.

<sup>vi</sup> O gutural é típico do gótico, do emo e, sobretudo, do *screamo*, mas também ocorre em outros estilos de rock, em menor frequência. Estes gritos são tão populares e queridos pelos jovens do *hardcore* que há diversos vídeos *online*

---

publicados pelos próprios fãs, ensinando técnicas de como executar este tipo de vocal. Há também muitos vídeos que reúnem momentos de performance de bandas *hardcore*. Aqui dispomos dois exemplos dentre os diversos materiais que são compartilhados via Internet pelos próprios adeptos ao estilo, <http://www.youtube.com/watch?v=g3tth8HIHFQ>; <http://www.youtube.com/watch?v=twkiz0JSV4k>, recuperado em 10 dezembro, 2013.

<sup>vii</sup> Tradução livre: “Na verdade, eu comecei a chorar enquanto assistia isso. Eu estive viciada em automutilação por dois anos e eu nunca entendi que as cicatrizes efectivamente ficarão no meu corpo para sempre. No dia em que eu me casar, elas estarão lá. Meus filhos irão perguntar por que eu tenho tantas cicatrizes. É assustador o fato de que eu era viciada em uma coisa tão terrível, mas eu nunca olhei para isso desta maneira. Obviamente que isso foi executado pela minha mente, mas isso nunca foi claro. Estou com medo e eu odeio que tenha que lutar, porque eu quero me entregar todos os dias” (no sentido de fraquejar e reincidir no corte).

<sup>viii</sup> Fonte: <https://www.facebook.com/mathilda.fredlund/photos?ref=ts>, acesso em 10 março, 2014 (É preciso estar conectado ao Facebook para ter acesso ao *link*).

<sup>ix</sup> Ver, por exemplo, <http://www.youtube.com/user/mathildafredlund>, acesso em 20 março, 2014.

<sup>x</sup> Tradução livre: “Estou chateado com a minha raiva / Mas se ele não quer lutar / Eu me viro para a minha consciência / Mas ele acha que eu estou certo / Minhas inseguranças / Eles não tem nada a esconder / Minhas emoções são meus inimigos / Por ser do meu lado / Devolva-me meus sentimentos”. (Fonte: <http://blogcritics.org/embrace-st-dischord-1986/>, acesso em 15 março, 2014).